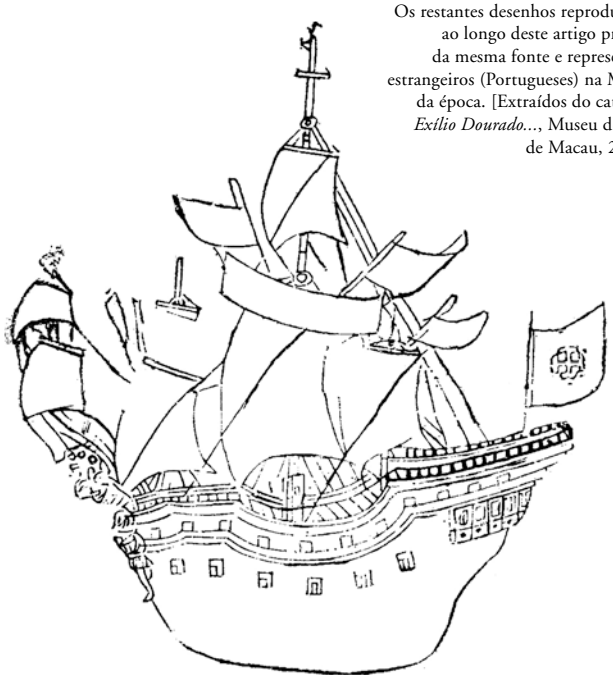
Apontamentos de Visitas a Macau durante as Dinastias Ming e Qing

Transcrição e compilação de Tian Yingxia*

* [田映霞] Mestre do Departamento de Pedagogia da Escola Superior de Educação de Huanan, Guangzhou, RPC.

Instructor in the Department of Pedagogy at the Huanan University School of Education, Guangzhou, China.



Desenho de nau portuguesa, in *Registos de Macau*, dinastia Qing. Os restantes desenhos reproduzidos ao longo deste artigo provêm da mesma fonte e representam estrangeiros (Portugueses) na Macau da época. [Extraídos do catálogo *Exílio Dourado...*, Museu de Arte de Macau, 2002.]

INTRODUÇÃO

Com a abertura do seu porto nos anos Jiajing [Ka Tcheng, 嘉靖] da dinastia Ming [明], Macau passou a ser objecto da visita por parte de não poucos letrados do interior do continente, uns de inspecção, outros de visita turística ou de refúgio em Macau, deixando-nos algumas descrições fascinantes do território, que podem classificar-se como apontamentos de viagem. Para satisfazer as necessidades dos leitores, aqui transcrevemos um conjunto de alguns que compilamos.

CAPÍTULO XIANBO — APONTAMENTOS SOBRE A VIAGEM A LINGNAN

Xianbo Bian You Lingnan Ji,《 贤博编一遊岭南记 》. O autor Ye Quan [叶权], natural de Xiuning [休宁], da província de Anhui [安徽], esteve de visita a Lingnan [岭南] no 44º ano Jiaqing (1565) e, em Novembro desse ano, visitou Macau.

Em Cantão, parte do financiamento militar destina-se à assistência aos barcos estrangeiros. Abriu o comércio marítimo e os comerciantes chineses e estrangeiros fazem negócios, angariando lucros da troca de mercadorias, sem aderir a outras tentações, pelo que a situação não é má. Hoje em dia, milhares de estrangeiros reúnem-se em Macau, com forças poderosas, subjugando chineses e suas mulheres e filhos. Os oficiais militares encarregados da defesa de Macau e os funcionários responsáveis pela cobrança de impostos limitam-se a consolá-los com palavras bonitas para manter o controle, pois se trata de uma situação que não se pode superar pela força. O comércio fazia-se apenas em barcos, que voltavam ao mar depois dos negócios concluídos e regressavam no ano seguinte. Hoje, os estrangeiros que abandonaram os barcos para morar em terra tornaram-se astutos, conluiando-se com os malfeitores locais, sabendo de cor os pontos fortes e fracos da China, a tal ponto que, de navio, chegaram mesmo à cidade [de Cantão], sendo na realidade uma situação que tem de mudar! [...]

Na Primavera do ano seguinte, houve uma revolta em Dongguan [东莞]. Barcos de vários andares navegaram de vento em popa e chegaram até à capital da província. As portas da cidade fecharam-se e os rebeldes ficaram hospedados no palácio de Tianfei Gong [天妃宫], a beberem e a divertirem-se. O

西自滕縣至第二十三保大泉集一百一十里界連銅山境
銅山縣二百二十里
十字河
東南自滕縣至孝九保東北裡八十里界連嶧境
嶧縣一百四十里
西南自滕縣至第十保夏鎮七十里界連沛境
西自滕縣至信十三保馬家口五十五里界連沛境
沛縣一百四十里
滕縣
東自滕縣至智五保徐庄九十里界連費境
費縣二百里
西北自滕縣至仁五保石頭集五十五里
東北自滕縣至

comandante Tang Ke Kuan [汤克宽] sofreu contínuos reveses nos seus combates contra as tropas rebeldes. Enviou um mensageiro aos estrangeiros de Macau para lhes pedir ajuda, em troca da isenção de impostos, mas não era esta a intenção do *xun fu* [governador civil, 巡抚]. Os rebeldes acabaram assim por ser vencidos. Tang considerou-se como autor da façanha, continuando a aplicar impostos como dantes sobre o comércio marítimo. Os estrangeiros, por sua vez, indignados, deixaram de pagar impostos sobre as suas mercadorias, de modo que os funcionários da capital provincial recorreram a bloqueios, proibindo o transporte de arroz e farinha para Macau. Pela fome, os estrangeiros acabaram por submeter-se à cobrança de impostos, tendo-se queixado da falta da confiança dos chineses. Mas não chegaram a saber que tudo se deveu na realidade à intriga do comandante Tang.

A China, por seu lado, queixou-se também, dizendo que os estrangeiros são difíceis de controlar, pois ignorava a promessa que Tang tinha feito. Daí se pode ver que o incidente, qualquer que seja, se produz quando falta o conhecimento da situação envolvente.

Na ilha, os que moram em casas estrangeiras são todos *frangis*, provenientes dum país do Ocidente. São pessoas de pele branca e asseada, cabelo encaracolado, nariz alto, sobrancelhas compridas e caídas, olhos azuis. Usam chapéu vermelho e calças, feitas de *sahala* ou de brocado de fundo de nuvens e com motivos de flores diversas, todas frescas e bonitas. Usam sapatos de pele, com *goushen* que facilitava o seu uso, e luvas de pele mole. Às vezes levam um rosário na mão esquerda e uma bengala na direita. Nos dias frios, usam chapéu de pano grosso e sobretudo, como se fosse capote de monge budista. Os ricos usam roupa de *sahala*, com gola de felpo cortada, de cor violeta, diversos adornos no peito, nomeadamente cordões de ouro, aliança embutida de pedra preciosa do Ocidente, perfumam-se com óleo aromático, levam um punhal pendente do cinto, de quase um *chi* [33 centímetros] de comprimento, intercaladamente dourado e prateado, duma cor um pouco mais escura do que a normal, sendo portanto uma arma envenenada. Andam acompanhados por quatro ou cinco escravos negros, que, armados de paus e espadas compridas, lhes sustentam uma cobertura vermelha. A espada é feita de aço flexível, podendo ser curvada e esticar-se de novo quando liberta da pressão. Os pobres e os escravos também vestem bem; só nas ocasiões fúnebres passam a vestir roupa e capote preto, chapéu também preto, não podendo utilizar outra cor. As mulheres são de pele mais branca e asseada, de cabelo a cobrir o rosto, envoltas num pano inteiro ou tecido de seda colorido, usam brincos de ouro nas orelhas e sapatos de pele. Usam um grande pano ou tecido de seda colorido, a arrastar no chão, que cobre todo o corpo à excepção do rosto, levando adornos de coral. O homem tira o chapéu e curva-se em sinal de cumprimento enquanto a mulher faz uma vénia semelhante à *wanfu* das mulheres chinesas.

São devotos de Deus, escrevem da esquerda para a direita e falam uma língua enrolada, parecendo a língua dos pássaros. Em cada três a cinco dias vão à igreja, e o padre estrangeiro propaga a fé religiosa, ou sentado ou de pé ou encostado; saídos da igreja, todos ficam emocionados, soltando mesmo soluços e suspiros. A divindade a que prestam homenagem é uma estátua de sândalo de seis ou sete *cun* [3 *cun* = 10 cm] de comprimento, em forma dum homem nu, cujos membros estão cravados com pregos. Disseram que é o antepassado deles, que sofreu assim por motivo de traição; a verdade devendo ser que os seus antepassados aproveitam o facto para transformar os comportamentos incorrectos e dominar a violência. Em baixo está um biombo, de nove divisões. As três superiores apresentam um retrato como se fosse de Lao Zi; as três do meio descrevem o seu antepassado, quando Menino, ao colo da Mãe, que o acaricia; as três inferiores parecem descrever a sua vida nupcial, com uma beldade, de costas para cima, e com um homem nu no regaço, não se sabendo o porquê desta cena (o intérprete também não conseguiu perceber). Os desenhos, como se estivessem detrás de um vidro, são côncavos e convexos, a fisionomia e mesmo os olhos e sobrancelhas das figuras são vivos. Os locais da ilha chamam a estas obras pinturas. Mas, depois duma minuciosa observação, cheguei a preferir chamar-lhes obras semelhantes a esculturas, que, devido ao vidro que as tapa e à cor cinzenta que reina, parecem pinturas; se fossem pinturas, como poderiam dar tal sensação? As quatro paredes das salas estão revestidas de tábuas, que se estendem desde o telhado, o chão é de alcatifa,

Na página anterior: "Mapa das Aldeias de Teng Xian" (província de Shandong). A carta, do séc. XVIII, representa com fiabilidade a configuração típica das aldeias na dinastia Qing, sendo visíveis a distribuição das guarnições militares de defesa e as vias de comunicação entre pequenas aldeias.
[Gravura extraída do catálogo *Vista Aérea da Terra – Mapas da China e de Macau*, CMMP, Macau, 2001].

A FUNDAÇÃO DE MACAU II

e as camas e cadeiras são estranhas. Come-se comida preparada ao lume, bebe-se licor estrangeiro, de cheiro puro e forte, que, no copo, se apresenta da cor do âmbar, não há colheres nem pauzinhos, usam-se panos quadrados de cerca de um *chi* de lado, sobre os quais se colocam facas, usam-se as mãos para partir a comida. Toma-se banho com a água caída dum recipiente de cerâmica, que não é novamente aproveitada para lavar.

Os estrangeiros usam negros como escravos. As pessoas desse povo são pobres e muitas passaram a ser escravos dos *frangis*. São de fisionomia feroz, de cabelo encaracolado como se fosse da ovelha estrangeira, de pele tão preta como se fosse a tinta de escrever, de dedos dos pés, compridos e grandes, sendo pessoas deveras terríveis. A água do mar é amarga e perniciosa — os chineses, fisicamente fracos, morrem pouco depois de se meterem nela, mas os negros podem estar na água o dia inteiro, a buscar coisas perdidas, como se estivessem em terra. Os criados negros que os eunucos da dinastia Yuan [元] usavam e os 300 negros que foram importados do Ocidente nos inícios da nossa dinastia podiam ser do mesmo género. Trouxeram mulheres para a ilha, da mesma cor dos homens, que pintam a testa de vermelho, sendo pessoas ainda mais feias e sem vergonha, mas sabendo contactar os chineses. Há poucos dias, vi em casa dum estrangeiro um menino de seis ou sete anos de idade chorando; perguntei ao intérprete se era filho do dono estrangeiro. Respondeu-me: "Não. Foi sequestrado em Dongguan e vendido aqui. Chora porque sente muita saudade dos pais." Os estrangeiros podem ter até cinco ou seis filhos adoptados e mais de dez filhas adoptadas, que têm todos o mesmo destino. Os filhos adoptados vestem como estrangeiros e as filhas penteiam o cabelo para trás atado num tufo com um pano branco, vestem blusa de tecido estrangeiro, a parte inferior do seu corpo está rodeada por um pano, não usam roupa branca nem sapatos; não vestem outra roupa, mesmo em Dezembro, com muito frio. Os locais da ilha que acabaram por ser criados ou concubinas dos estrangeiros não são menos de uns milhares. Eram todos filhos de famílias honestas, sendo uma situação deveras lamentável e indigna.

CAPÍTULO YUEJIAN — REGISTOS DOS ESTRANGEIROS

Yuejian Bian—Zhi Wai Yi, 《粤剑编一志外夷》. O autor Wang Linheng [王临亨] é natural de Kunshan [昆山], da província de Jiangsu [江苏].

No 29º ano Wan Li (1601) foi mandado a Cantão julgar casos, Em Setembro desse ano fez uma viagem por Macau. O texto descreve o que viu e ouviu quando da sua visita a Macau.

Os ocidentais são de olhos profundos, nariz alto, calvos, cabelo encaracolado. Vestem roupa de algodão com motivos, requintadamente feita, a emitir brilhos fascinantes. Falam uma língua estranha, que não conseguimos perceber. Devido à minha chegada, o enviado-fiscal ofereceu um banquete no templo de Haizhu. Informados, mais de dez líderes dos estrangeiros ofereceram-me dois pratos de bolo e uma garrafa de vinho. Os bolos foram cobertos por um lenço, em sinal de respeito. O enviado-fiscal ofereceu-me todas as prendas. Os bolos têm mais de dez variedades, de sabor diferente, mas todos cheiram bem, são aromáticos e têm uma forma bem fina. Se calhar, as mulheres da nossa grande terra não possuem as melhores técnicas da cozinha. O lenço branco com que se cobrem os bolos parece de tecido simples, mas com dobrinhas, tão fino que a nossa terra não o pode produzir. Quando voltar, hei-de levar o lenço e a garrafa para satisfazer a curiosidade dos interessados.

A terra natal desses estrangeiros é o centro dos diversos países ocidentais. A mercadoria diversa que se importou da China nos meses de Março e Abril foi reexportada para os mercados do Japão e outros países,

para obter maiores lucros; tudo o que se transporta é mercadoria desse género. Quando ainda estava na capital provincial, vi chegarem três barcos, cada barco levando 300.000 taéis de prata, que, depois de terem pago os impostos, foram autorizados a entrar na cidade para fazer negócios com o povo local.

Os estrangeiros ocidentais que chegam à China costumam tomar Aoshan [Macau] de Xiangshan [distrito de Heong San, 香山] como ancoradouro e, depois de terminarem o comércio, os seus navios voltavam a fazer-se ao mar. Com o passar do tempo, a fiscalização afrouxou a pouco e pouco, a tal ponto que se reúnem em número considerável, como se fossem formigas e abelhas, tendo estabelecido casas em Aoshan. As autoridades actuam duma forma favorável à sua entrada no mercado, não lhes aplicando rigorosamente o que está estipulado nas leis e deixando-os temporariamente à vontade, mas recorrem a uma rigorosa ordem de proibição, segundo a qual os cereais e outros produtos não podem transportar-se para Macau, bloqueando-os, para assim eles não poderem permanecer. Não obstante, os estrangeiros têm fortes recursos financeiros, a tal ponto que, quem aí se desloque, negociando com eles pode obter lucros de dezenas de vezes, e a proibição, por mais rigorosa que seja, não pode dominar tal comércio. Segundo se diz, os que se reúnem em Aoshan já ultrapassam 100 mil, em cerca de dez mil famílias. É deveras uma verruga no Sul, não se sabendo qual irá ser a sua situação quando apodrecida!

Os estrangeiros de Macau usam aparelhos e utensílios requintadamente feitos. Há, por exemplo, um instrumento de foles [órgão] e uma ampulheta. Num armário de madeira estão montadas centenas de tubos de som ou de cordas, que serão accionados por um mecanismo. Uma pessoa sopra ar para o seu orifício e as dezenas de tubos emitem sons; alguém mexe no seu mecanismo e as dezenas de cordas emitem sons, ritmados e agradáveis. A ampulheta é feita de bronze; cai uma bolinha ao meio-dia que toca ao passar de cada hora, até às doze horas. As flores, árvores, pássaros e animais que aparecem nas pinturas são todas vivas e as esculturas são tão vivas como se fossem pessoas reais. A este respeito, Liu Tianyu [刘天虞] disse-me a sua impressão: "Estive em Aoshan. Quando primeiro olhei as esculturas, senti vontade de lhes falar, e só depois de uma observação minuciosa consegui descobrir a verdade."

Há estrangeiros negros, conhecidos como "diabos pretos", cujo corpo é tão escuro como se fosse de tinta de escrever; disseram que os seus ossos são também da mesma cor. Podem viver dezenas de dias em água para apanhar peixes e camarões, que comem vivos, tomando-os como o sustento da sobrevivência. Os barcos estrangeiros, quando se fazem ao mar, levam a bordo um ou dois pretos, para os usarem em casos de urgência e no dia-a-dia. Um preto submetido às leis chinesas, a ser julgado por mim, tem uma fisionomia extremamente feia e terrível. Um criado disse-me: "Este preto está na prisão há alguns anos, tem comido alimentos preparados ao lume, pelo que já se torna um pouco mais branco do que antes". No entanto, quando depois julguei casos em Xiangshan, vi um preto de pele muito preta, apesar de ter estado na prisão havia alguns anos, parecendo que a cor da pele não tenha a ver com a comida preparada.

Em Setembro do ano Xinchou, dois barcos estrangeiros chegaram a Xiangshan'ao [Macau]; como o intérprete não conseguiu identificar a nacionalidade dos tripulantes, toda a gente lhes chamou "diabos de cabelo vermelho". São pessoas de cabelo vermelho, olhos redondos, cerca de um *zhang* (1 *zhang* = 3 metros) de altura. Os seus barcos são enormes, exteriormente revestidos de chapa de bronze, de 2 *zhang* de calado. Os estrangeiros de Xiangshan'ao, que temiam que entrassem em disputa com eles pelo mercado, recorreram a tropas para os expulsarem. Os barcos fizeram-se ao mar e foram levados pelo tufão tendo-se-lhes perdido o rasto.

A prata dos estrangeiros ocidentais é em forma de moeda, com finos motivos nas duas faces.

O veludo e a roupa de penas são produtos dos países ocidentais. Os locais de Huicheng [会城] passaram a imitá-los. O veludo imitado é quase idêntico ao original, mas quanto à roupa de penas, a diferença entre o produto original e o imitado é muito grande.

NOTA POSTERIOR DO APONTAMENTO NOCTURNO DO DIA 14 DE SETEMBRO

Jiu Yue Shi Si Ri Ye Hua Ji Fu,《九月十四日夜话记附》

O *dacheng* (um cargo), senhor Dai, ofereceu mais um banquete na sua residência em minha honra. Na altura, mais de duzentos "diabos de cabelo vermelho", em dois navios gigantescos, surpreenderam

A FUNDAÇÃO DE MACAU II

Xiangshan'ao; ouvi dizer que o senhor Dai decidiu mandar tropas para os capturar. Quando do banquete, perguntei-lhe: "Ouvi dizer que há alarme no mar. É verdade?" O senhor Dai respondeu: "Sim." "Disseram que amanhã o senhor manda tropas para os liquidar. É também verdade?" Respondeu: "Esta é a ideia do *can zuo* [consultor, 参佐]. Mandei hoje barcos de guerra, em emboscada, a vinte *li* (2 *li* = 1 quilómetro), a vigiar a sua situação." Continuei: "Pretendem invadir, fazer comércio ou procurar abrigo devido à tempestade, tal como um cavalo selvagem fatigado do galope?" O senhor Dai respondeu: "Não se sabe. Poderá ser em certo grau um comércio. Hoje em dia, os estrangeiros de Xiangshan'ao estabeleceram-se em Aoshan, comerciando connosco. Pode ser uma disputa entre eles.

Os estrangeiros de Macau têm suficientes forças para resistir aos estrangeiros de cabelo vermelho? Opondo uns estrangeiros a outros, sem usar uma arma nossa, podemos espalhar a fama do nosso país no mundo; se não têm forças suficientes, deixemos os estrangeiros de cabelo vermelho a fazer comércio connosco; daí poderemos tirar recompensa do comércio que fazemos com os estrangeiros de Macau. Considero que esta é a melhor estratégia, pelo que mandei barcos de guerra em emboscada à distância, vigiando a situação deles. Pode dizer-me a sua opinião?" Respondi: "A sua estratégia é muito conveniente. Agradeço pela confiança. Os estrangeiros de Xiangshan estabeleceram-se em Macau e o seu número, segundo disseram, atinge dez mil pessoas. Dez mil pessoas contra duzentas pessoas, é como se a ventania soprasse as penas. Estas duzentas pessoas que vieram fazer comércio não são culpadas; se o senhor mandar liquidá-las, terá um espinho na consciência. Se ainda não conseguir liquidá-las todas e algumas conseguirem fugir, hão-de reunir-se com outros e voltar para a vingança. Se for assim, será uma catástrofe para nós. De temperamento de cão e ovelha, não podem eles distinguir o bem do mal, podendo afirmar que foram os *han* que liquidaram os seus companheiros. Não será assim? Queria dar-lhe a conhecer a minha ideia. Podemos dizer-lhes que, além do porto de Xiangshan, há outros portos marítimos onde se pode comerciar. O senhor pode mandar um intérprete perguntar-lhes se vieram fazer comércio. Se for assim, mande um funcionário competente escolher um outro porto onde os estabeleçamos. Pode enviar ofício aos estrangeiros de Macau, dizendo-lhes que eles são todos hóspedes, cada parte comercializa produtos nativos do seu país, não há contradição de interesses, não podendo portanto lutar uns contra os outros, e que as tropas chinesas hão-de liquidar quem desencadeie guerra. E, por outro lado, o nosso imperador considera muito o ouro e o jade; mais um porto de comércio será mais uma vantagem nossa, e o senhor poderá ser, portanto, mais fiel ao imperador. Se as duas partes de estrangeiros abandonarem o uso da força militar, o senhor poderá revelar maior benevolência. Se o senhor conseguir recorrer a meios de intimidação para as duas partes deixarem de recorrer à guerra, será um grande sucesso do senhor. Quem semear ódio será dominado e castigado pela China como se fosse peixe no tanque ou árvore na floresta!" O senhor Dai disse: "Muito bem!" E bebemos assim à vontade até ao fim do banquete.

APONTAMENTOS SOBRE MACAU

Aomen Ji,《 澳门记 》. O autor Lu Xiyan [陆希言], natural de Hua'ning [华宁], província de Jiangsu, na companhia de Wu Yushan [吴渔山], deslocou-se, no 19º ano do reinado de Kangxi [康熙] da dinastia Qing (1680), a Macau onde se dedicou à aprendizagem da teologia.

O distrito de Xiangshan é banhado pelo mar nas quatro direcções, com um território estendido por 500 a 600 *li*, e com um número considerável de montanhas e ilhas. As grandes estendem-se por dezenas de *li*, e as pequenas por alguns *li*, sendo no entanto todas desérticas. São abrigos de baleias, salamandras, tigres e leopardos. Os que passam por ali são poucos, ou bandidos ou estrangeiros. Há boas terras cultiváveis, mas os camponeses têm medo de ali se estabelecer, pelo que os contributos e impostos são em quantidade muito insignificante. Só os barcos de comércio que ali passam pagam impostos de comércio externo. Os assaltos são frequentes, pelo que os impostos ficam quase em nada e o distrito é como se não existisse. Daxiyang [Portugal, 大西洋] encontra-se a 90 mil *li* para oeste; as pessoas desse país dedicam-se ao comércio e os seus barcos navegam por todo o mundo. No anos Jiajing da dinastia Ming, passaram por Xiangshan, foram surpreendidos pelos bandidos e lutaram heroicamente, tendo mesmo destruído o esconderijo dos bandidos. As autoridades informaram a corte desse feito, pelo que deixaram que se estabelecessem em Macau, atraindo os comerciantes de terras longínquas, a fim de lhes cobrar impostos.

Em Qianshan [前山], vi uma terra em forma de folha de lótus, a flutuar na água, cujo pecíolo é uma passagem de domínio, servindo de fronteira. Ao aproximar-me, passei a entrever pavilhões e quiosques, intercalados, ou em cima da colina ou na margem do mar, com despenhadeiros de forma curva, como se fosse uma bela pintura de paisagem. Pisando essa terra, descobri logo que não há nem um troço de muralha, os peões são poucos e em todas as famílias não há acumulação de cereal, revelando-se uma tristeza e pobreza. Dos que ali se estabeleceram com satisfação, há letrados que, bem vestidos, lêem, recitam, entram e saem da igreja católica, comentam sobre as leituras e estudam física; há também guerreiros, que, armados de espada, sobem e descem da fortaleza, rivalizando na força e coragem, pretendendo ser pessoas que possuem domínio sobre dragões e tigres. Contudo, tanto os letrados como os militares, todos obedecem a Deus. Todos os seus comportamentos se encontram sob o poder e protecção de Deus. Os portugueses professam o catolicismo e conhecem que o nosso país é uma terra do Rito e Justiça, onde se desconhece o Senhor do Céu e da Terra, tendo-lhe esquecido a origem e aderido ao budismo, disso informando o Papa, que autorizou que os eclesiásticos pudessem deslocar-se ao Oriente.

Chegou assim o senhor Francisco Xavier; depois, Matteo Ricci ofereceu objectos preciosos ao imperador Shen Zong [神宗] e expôs-lhe o catolicismo, e o imperador ficou de acordo com a doutrina e deu-lhe uma residência onde traduziria obras clássicas e divulgaria a religião ortodoxa. Muitos vassalos e letrados iam consultá-lo, a tal ponto que não havia assento vazio, tendo exercido uma tão grande influência, que muitos eclesiásticos acorriam à China. No primeiro ano do reinado de Huai Zong [怀宗], a revisão do calendário que se considerou velho foi entregue a Xu Guangqi [徐光启], que era *libu shangshu* [ministro das Cerimónias e Relações Exteriores, 礼部尚书], o qual nomeou Niccolò Longobardi e Johann Terrenz como *zhili* [especialista do calendário, 知历], e posteriormente Johann Terrenz e J. Adam Schall von Bell foram também integrados na equipa, tendo trabalhado até à conclusão da revisão. Quando do reinado de Yihe, J. Adam Schall von Bell assumiu muitos outros cargos. Posteriormente, Bai Naixin, Ferdinand Verbiest, Tomás Pereira e Manuel de Siqueira foram sucessivamente chamados para a capital chinesa; e Luigi Buglio, Gabriel de Magalhães e Cláudio Filippo Grimaldi, que trabalharam junto do imperador, seguiram todos o mesmo caminho para entrar na capital do império. Foi por esta razão que os que trabalhavam na corte tentaram classificar Macau como um lugar de origem da religião, mas os funcionários locais contestaram, alegando que Macau se encontra fora da fronteira. Não se sabe quem tinha razão!

As igrejas católicas são muitas, nomeadamente a de São Pedro, a de São Paulo, a de São Domingos, a de São Francisco, a de Santo Agostinho, a de Santo António, a de São Lourenço, a de São Lázaro, entre outras. São da mesma Igreja e do mesmo catolicismo, mas o rito religioso realizado varia, o que pode justificar a existência de tantas igrejas. As de São Domingos e São Francisco destinam-se aos próprios eclesiásticos; a de Santo Agostinho pratica um rito semelhante, mas com poucas regras, que são também frouxas; as de Santo António e São Lourenço, ambas subordinadas à de São Pedro, embora estritamente relacionadas com a vida eclesiástica, aceitam em certo grau costumes civis, destinando-se especialmente à realização de ritos de casamento e fúnebres para os seus devotos. A lepra alastra em toda a província de Cantão [Guangdong, 广东], e a Igreja de São Lázaro presta especialmente assistência aos doentes. A igreja de Nossa Senhora visa praticar caridade, adoptando bebés abandonados e prestando assistência aos pobres abandonados. Há ainda outra igreja que, funcionando como hospital, presta assistência e abrigo aos doentes de todas as idades,

aos que estão privados de recursos para viver e aos que vieram de longe e carecem de meios de sobrevivência. As despesas dos medicamentos e do pessoal são angariadas em todas as freguesias, em vez do próprio doente se responsabilizar por elas.

A igreja de São Paulo é um estabelecimento onde se hospedam os jesuítas. A vida eclesiástica nessa igreja é dura e pouco conhecida pelos estranhos, o rito que pratica é popular, mas as suas regras são rigorosas, submetendo-se especialmente à continência da paixão sexual e da riqueza, sem pretender sobressair sobre os outros nem nutrir outras tentações. Disso são bons exemplos Bi Jinhang, J. Adam Schall von Bell e Ferdinand Verbiest, que, apesar de terem desempenhado importantes cargos na corte e merecido grandes honras, nunca se serviram dos seus cargos para satisfazer quaisquer tentações. É que respeitaram e seguiram rigorosamente as regras da sua Igreja. Quanto às actividades da caridade, prestaram assistência aos pobres, para além dos doentes e crianças, num espaço de sete meses, por duas vezes lhes ofereceram comida e roupa. Criaram ainda escolas gratuitas, não especialmente destinadas ao ensino das crianças com talento, onde as crianças eram criadas e entravam no ensino primário quando completada a idade exigida. Concluído o ensino primário, entravam no ensino "universitário", recebendo mesmo subsídios de comida e roupa. Quando formadas, podem escolher a carreira, quer de eclesiástico quer de comerciante.

A igreja de São Paulo revela-se de magnificência e esplendor, destacando-se dentre todas as existentes, e as lições que ministra são diferentes das outras igrejas, à excepção do jejum, oração das sete e recolhimento ao toque do sino.

As fortalezas são também diferentes. Entre as grandes, figuram as do Monte, Guia, Fat Lan Chai Si, Pong Pa I Tai, Bala e Sai Nao I Pai, que, construídas em cima da colina e em lugares estratégicos, dispõem de dezenas de canhões. O canhão pode conter um *dou* (medida de volume chinesa, actualmente equivalente a dez litros) de pólvora e sete ou oito *dou* de pedaços de tijolo. Há 20 a 30 canhões, que podem conter cinco ou seis *dou* de pólvora e sete ou oito *hu* (1 *hu* = 5 ou 10 *dou*) de bolinhas de chumbo. O alcance do canhão atinge 40 a 50 *li*, podendo destruir coisas grossas e fortes. Há ainda dezenas de pequenos canhões, de média capacidade de pólvora, podendo apontar a coisas altas e distantes, sendo na realidade uma boa arma para ataques de surpresa. O nosso país dispõe também de canhões velhos, que, embora também de fabrico dos *frangis* e dos estrangeiros de cabelo vermelho, estão muito longe de se poder comparar com estes canhões. Com estas armas, podem defender-se, ao leste, Jiuzhou [九洲], Majiao [马胶] e Hutoumen [虎头门], ao sul, Sanzhou [三洲] e Baijiaodao [百脚岛] de Nanling [南岭], e a oeste os portos marítimos de Xiangshan, Huangliangdu [黄连], Xiaolan [小榄] e Taiping [太平], protegendo assim da invasão estrangeira o Sudeste do País e Cantão, sendo com certeza uma façanha! Não falta no entanto quem os despreze por serem estrangeiros, com costumes estranhos, vestindo roupa estrangeira e falando língua também estrangeira. Se deixarmos de os tratar como estrangeiros e passarmos a familiarizá-los com os clássicos de Confúcio [孔子] e Mêncio [孟子] e com o rito da dinastia Zhou [周], para que possam usar os seus conhecimentos religiosos na orientação do nosso povo, todas as pessoas passarão a amar Deus e os outros, livres dos vícios, e todo o povo do país passará a constituir "os filhos do Céu". Se aproveitarmos os seus conhecimentos da física para formar o pessoal do nosso país, o relacionamento entre as coisas será dominado e a previdência será clara e minuciosamente descrita. A este respeito, o capítulo sobre o relacionamento entre as coisas de *Da Xue* [Estudos Superiores, 《大学》] pode servir de recompensa, corrigindo erros ou preenchendo lacunas. Se aproveitarmos a audácia deles para controlar os rebeldes, a rebeldia deixará de ser preocupante e todas as pessoas serão vassalos. Se aproveitarmos os impostos a cobrar sobre eles, o orçamento nacional não sofrerá défice, sendo na realidade uma coisa tão agradável como a harmonia musical. Não é tão lamentável que, na nossa terra, pessoas possuidoras de virtudes morais, de conhecimentos profundos, e que poderão contribuir para o nosso país, sejam hoje tratadas como estranhos e com discriminação? Ou ninguém soube estudar a situação?

NOVOS FACTOS DE GUANGDONG — MACAU

Guandong Xin Yu—Aomen,《广东新语一澳门》. O autor Qu Dajun [屈大均], natural de Panyu [番禺] de Cantão, reside em Macau no 27º ano do reinado de Kangxi (1688).

Os navios estrangeiros, quaisquer que sejam, hão-de tomar *ao* [baía marítima, 澳] como abrigo. *Ao* significa porto onde barcos podem ancorar. Em

Xiangshan, havia um *ao* conhecido como Lampacau [Lang Bai Ao, 浪白澳], de mais de cem *li* de extensão, onde embarcações estrangeiras faziam comércio. Nos anos Jiajing, como os estrangeiros consideraram demasiado distante esse porto, subornaram o mandarim responsável a fim de lhes autorizar o uso de Haojing [Macau, 濠镜] como porto. Haojing encontra-se fora de Hutiaomen [虎跳门], a vinte *li* a sudeste, com duas baías, sul e norte, e banhado pela água do mar. Os estrangeiros reuniram-se nessas duas baías, tendo construído povoações. Desde então, os portos de Guanghai [广海], Wangtong [望峒] e Qitan [奇潭] de Xinning [新宁], os de Lampacau e Shizimen [Porta de Cruz, 十字门] de Xiangshan, e os de Hutoumen, Tunmen [屯门] e Jiqi [鸡栖] de Dongguan [东莞] foram abandonados, passando Haojing a ser o único porto de abrigo dos barcos. A vinte *li* do sul da sede distrital de Xiangshan ergue-se uma colina em forma de pecíolo de lótus, e ao sul da colina estende-se uma terra em forma de folha de lótus até a Aomen [Macau, 澳门]. A colina revela-se bastante abrupta, donde um descuido pode levar à queda mortal. Ultrapassada a colina, vê-se um sem fim de mar e céu, com ilhotas verdejantes e com dezenas de casas brancas a espreitar por entre a fumaça, que são as residências dos estrangeiros de Macau. A 60 *li* é a passagem da fronteira, fora da qual há mais de cem casas de estrangeiros. Uma aldeia situa-se em frente, em cima da colina localiza-se a residência do *can jiang* [tenente--coronel, 参将], subindo ao topo vê-se um *ao* (baía, porto) em frente.

O *ao* fica ao sul e a aldeia ao norte, disposição propositada para protecção dos traidores de Macau e também dos invasores. Chega-se primeiro a um lugar conhecido como Qing Zhou Dao [Ilha Verde, 青洲], onde abundam árvores frondosas, e, entre as palmeiras *gomuti* e os bételes, há construções com decorações estranhas. Mais dez *li* para a frente, chega-se a Macau, onde há o *tai* do sul e o do norte. *Tai* significa colina, como as duas *tai* estão em frente uma à outra, esta terra foi chamada de Aomen (Porta da Baía, Macau). Os estrangeiros colocaram em linha grandes armas de fogo, de bronze, a fim de se protegerem. As suas casas são todas de três pisos, encostadas na colina. Os edifícios revelam-se quadrados, redondos, triangulares, hexagonais ou octogonais, em forma de frutas diversas, diferentes umas das outras, rivalizando em beleza e moda. Os donos estrangeiros moram em cima deixando os chineses morarem no rés-do-chão, sem revelar desprezo para com eles. No topo da colina há uma plataforma, atravessada por um caminho, à qual frequentemente se sobe para vigiar o movimento marítimo. No seu sopé há a igreja de Tong Wong Ieong [Dongwangyang, 东望洋] e a de Sai Wong Ieong [Xiwangyang, 西望洋], outra que se encontra entre elas é conhecida como São Paulo, considerando Jesus Cristo como Deus a que se reza, de mais de dez *zhang* de altura, parecendo um edifício de pedra, com esplêndidas esculturas. O chamado *fa wang* [bispo, 法王] responsabiliza-se pelas suas práticas religiosas. O *fa wang* não permite confissão aos estrangeiros que cometeram crime, e manda executá-los de imediato; e os que obtêm autorização para confessar são fustigados, a tal ponto que todo o corpo fica banhado de sangue, pois consideram que este tipo de castigo pode evitar o castigo do inferno. Ao entardecer, homens e mulheres vão à igreja rezar, ouvindo os sermões do padre.

As igrejas têm órgão, instrumento invisível, instalado num baú revestido de pele, com um pouco mais de uma centena de tubos de vento, quando ligeiramente se pressiona um saco de ar, o baú emite sons ritmados e harmoniosos, agradáveis, a acompanhar o coro. Têm espelho de vidro de mil pessoas, que pode reflectir coisas suspensas. Têm espelho mágico, onde uma pessoa que fica longe pode aparecer como dezenas de pessoas e onde o santo da igreja pode transformar-se em milhões de santos. Têm lente de mil *li* [telescópio], com a qual se pode observar o topo de um pagode a 30 *li* de distância, com campainhas e cordas muito claras e traços de carácter nítidos, e a Lua parece nela uma lagoa, com manchas pretas a flutuar, as suas partes claras são como nuvens ligeiras da pintura, e o seu fundo emitindo luzes quebradas em todas as direcções, parecendo uma lanterna cuja luz trespassa o papel. Têm microscópio, com o qual se pode observar a larva cuidando de três ou quatro filhos e os pêlos do piolho, pretos e de cerca de um *cun* de comprimento, sendo possível a sua contagem. Têm relógio de toque automático, mapa dos mares e outros aparelhos magníficos.

Entre as flores, destacam-se a flor de tília e o cravo; entre os pássaros, o papagaio, de cor branca ou vermelha. O pássaro *yaofeng* (*tonghuafeng*) é suspenso de cabeça para baixo; dos animais destaca-se o mangusto (uma espécie de icnêumone da Índia, que ataca e mata cobras venenosas),

enquanto o cãozinho se considera de estimação. As pessoas usam chapéu de pano preto e tiram-no em sinal de cumprimento; usam cobertor colorido para cobrir o corpo, sem costura nem manga e *jin* (parte frontal do fato); levam na cintura uma espada tão comprida que a sua extremidade, de alguns *cun*, se arrasta no chão, tocando nas pedras. Têm cabelo caído sobre os ombros, da cor vermelha-preta, encaracolado e solto, cara bastante branca, nariz alto e olhos profundos e de cor azul, sendo pouco diferentes dos chineses.

Os seus criados têm todo o corpo da cor preta como se fosse da tinta, o cabelo solto, o cheiro mau, o aspecto como se fosse do diabo, os lábios muito encarnados e os dentes brancos, só estes dois últimos aspectos nos lembrando serem pessoas; as roupas que usam são vermelhas, geralmente de veludo e brocado de sarja, tratando-se dos chamados "diabos-criados". A língua que falam é incompreensível. Todos os dias tocam num sino de bronze. Usam recipientes de vidro, cobertos de pano branco, cada um usando vários recipientes; usam água-de-colónia e essência de ameixoeira. Quando sentados, têm a mão direita em baixo, sem a usar, alegando que só a usam quando defecam; quando comem só usam a mão esquerda. Quebram primeiro alguns ovos para os chupar, usando em seguida faca de metal para os cortar e cozer. Limpam a mão com novo tecido branco, que uma vez usado deitam para o lixo. Depois de comerem deitam-se logo e, ao entardecer, levantam-se para os afazeres com a luz acesa.

As mercadorias estrangeiras que acumulam são geralmente comercializadas por mulheres. As mais bonitas são de cabelo bem penteado, colorida e esplendidamente vestidas, e de olhos azuis claros. Entre eles a mulher merece a maior consideração, pois faz trabalhos domésticos e herda os bens do pai, enquanto o homem é casado fora, sendo este tipo de casamento conhecido como "*jiaojin.*" O homem não pode ter duas mulheres e o infractor é executado sem a possibilidade de perdão. Mulheres que entraram no templo obedecem completamente ao chamado *fa wang*, com quem têm filhos, conhecidos como filhos do dono do céu, de muitíssima importância. Ter um genro chinês pode ser um evento a assinalar por todo o Macau. Quando o genro quer repatriar-se, a sua mulher usa um unguento para enegrecer a cara e encaracolar e amarelar o cabelo, passando assim a ter uma fisionomia de estrangeira.

As pessoas de Macau são na sua maioria ricas, e Portugal substitui cada ano o seu administrador. Chegam barcos carregados de coisas preciosas e estranhas, cada barco traz a bordo uma quantidade incalculável de prata. Os naturais de Fujian [福建] recebem o metal precioso e distribuem-no aos artífices, para fabricarem objectos variados de uso diário, com os quais trocam mercadorias preciosas, obtendo assim bons lucros anualmente. A proibição do comércio marítimo é, desde há algum tempo, muito rigorosa, de modo que o povo não pode fazer comércio com Macau; contudo, o *fan wang* [rei dos estrangeiros, 番王] domina o comércio clandestino, ficando com todos os lucros obtidos. As pessoas comuns não tinham e não têm acesso a um centavo de lucros.

APONTAMENTOS DA INSPECÇÃO A FUJIAN E GUANGDONG

Ming Yue Xun Shi Ji Lue,《闽粤巡视纪略》. O autor Du Zhen [杜臻], natural de Xiushui [秀水], província de Zhejiang [浙江], foi enviado pelo imperador no 22º ano do reinado de Kangxi (1684) para uma inspecção às duas províncias de Fujian e Guangdong, tendo-se deslocado a Macau em Fevereiro do ano seguinte.

No ano Yiwei, subi a duas fortalezas de Aoshan (Macau), tendo contemplado as diversas paisagens de Hainan [sul do mar]. Trata-se de um território subordinado a Xiangshan, localizado exactamente no sul da província de Guangdong, ligado aos quatro mares, com numerosas ilhas. A povoação de Aomen, também conhecida como Haojing'ao ou Xiangshan'ao, encontra-se ao sul da aldeia de Qianshan. Tem a forma de *lingzhi* (lótus), de 10 por 20 *li* de extensão. Ao norte, há um pequeno dique de pedra atravessando o mar, pertencente à aldeia de Qianshan, de mais de dez *zhang* de largura e seis *li* de comprimento, que nos lembra o pecíolo de *lingzhi*. Construiu-se uma passagem onde se ligam a aldeia e o dique, passagem conhecida como Guiziguan [passagem do diabo ou dos estrangeiros, 鬼子关], destinada à defesa e sendo regular o seu funcionamento. Os que residem na ilha são todos estrangeiros, com cerca de mil famílias. Os locais que quiseram sair para lá, fora do horário da passagem, foram impedidos pelos guardas da passagem; os estrangeiros também não podem entrar sem

autorização. No entanto, o abastecimento de cereais dos estrangeiros depende do interior, pelo que os locais costumam transportar cereais para os comercializarem junto da passagem. Aoshan está equipado de canhões, mas não há soldados de defesa fronteiriça, pois são os próprios estrangeiros que tomam conta da defesa. O que dá força aos estrangeiros são os canhões; a fortaleza do leste chama-se Fortaleza do Monte, com 26 canhões, dos quais um de dez mil *jin* [2 *jin* = 1 quilo], um de 9700 *jin,* quinze de 5000 *jin cada, cinco* de 4700 *jin* cada, três de 4500 *jin* cada. A fortaleza do oeste chama-se a Fortaleza da Penha, com onze canhões, dos quais seis de *5000 jin* cada, dois de 4500 *jin* cada e três de 3 800 *jin* cada. Os bandidos podem ser bem observados a dezenas de *li* por telescópio, a partir da fortaleza: as velas, as armas, as cores da roupa e até o cabelo aparecem bem nítidos. Usando os canhões, os bandidos são todos abatidos, pelo que têm medo de se aproximar. Graças a esta arma, Macau nunca foi atacada pelos bandidos. No 8º ano do reinado de Kangxi, houve um debate sobre a expulsão dos diversos estrangeiros, mas em vão: os estrangeiros continuam lá até hoje.

De Macau, indo de barco dez *li* para o sul, chega-se a Shizimen. Duas colinas erguem-se dos dois lados, formando-se assim a abertura da porta. Mais dez *li* para sul encontra-se a ilha de Xiao Hengqin Shan [小横琴], com uma abertura conveniente, Um pouco mais para sul-sudoeste é a ilha de Da Hengqin Shan [大横琴], parecendo um dupla cadeira. A 20 *li* de Macau de barco para oeste, fica a ilha de Sanzao [三灶], mais 20 *li* para a frente é Huangliangdu [黄梁都]. A 30 *li* de Macau de barco para leste, fica Yongkou [涌口], encontrando-se Qidao'ao mais 20 *li* para diante. As ilhas de Jiaomen [蕉门], Huangjiao [黄角] e Tanzhou [潭州] situam-se a nordeste de Macau. Shawei [沙尾] e Beishan [北山] a norte, separados apenas por um rio. Embora as diversas ilhas sejam berço de crimes e as suas circunstâncias sejam complexas, Macau conseguiu manter-se limpo entre elas, como se fosse a semente do lótus, o que é deveras um milagre.

Estrangeiros de diversos países, a sul e a oeste de Zhancheng (antigo reino que é hoje a região centro-sul do Vietname), residem na província de Guangdong já há muito tempo. O pagode estrangeiro no templo de Huaisheng [怀胜] na capital provincial, datado da dinastia Tang, tem 16 *zhang* de perímetro. Song Yujing [宋馀靖] também disse que não se pôde

identificar donde provieram os comerciantes estrangeiros que residem em Guangdong e Taiwan. Os diversos estrangeiros de Macau dizem ser de Portugal. Nos anos de Wan Li da dinastia Ming, Matteo Ricci entrou pela primeira vez na China e, ao descobrir que Macau gozava de bom ambiente, passou a pedir ao seu país que mandasse emigrantes para ali se estabelecerem, a fim de se dedicarem ao comércio. Era uma pessoa de pensamento hábil, sabia fabricar aparelhos e dominava os conhecimentos necessários para elaborar o calendário, de modo que os letrados chineses gostaram de manter estreitos contactos com ele, visitando-o frequentemente em casa. Nos primeiros anos da chegada, pagaram anualmente 500 taéis de ouro como aluguer do terreno. A nossa corte deu grande consideração à virtude dos estrangeiros, dizendo que o país tem quatro mares com que pode enriquecer-se, não sendo necessário contar com essa quantia, que é como um grão no grande depósito de cereais, e acabou por isentá-los do pagamento, pelo que os estrangeiros ficaram gratos.

A divindade a que os estrangeiros rezam chama-se Deus, que se encontra no alto da sua igreja, luxuosamente decorada; tanto na capital provincial

A FUNDAÇÃO DE MACAU II

como na do país podem encontrar-se as suas igrejas, sendo uma religião muito divulgada em Macau. Há uma estátua: uma mulher com um bebé ao colo, estranhamente vestida; dentro de uma redoma de vidro, parece uma mulher viva; é conhecida como mãe celestial, de nome Maria, e o menino que tem ao colo chama-se Jesus Cristo, sendo contemporâneo do imperador Aidi [哀帝] (6-2 a.C.) da dinastia Han [汉].

Os líderes de Macau são substituídos cada três anos, todos sendo nomeados pelo seu rei. O rei deles, que nutre respeito pela nossa corte, há-de dar sermões aos mensageiros que envia, para que respeitem e observem as leis. Os infractores e traidores são desarmados para sempre, de modo que a desobediência raramente acontece.

No lado direito da igreja há órgão e instrumentos de tubos de bronze, que de vez em quando tocam automaticamente.

Há ainda instrumentos de percussão e sopro, cujo mecanismo está escondido num baú de madeira, ligados por cordas de seda, com muitos dentes a tocar uns contra outros, e depois da rotação emitem sons diversos, como se saíssem das mãos e da boca. À esquerda é uma plataforma em que está instalado um enorme relógio, com santas ao redor, com ponteiros assinalando as horas; também accionado por um mecanismo, toca regularmente, um toque às *zishi* (das vinte e três à uma) e dois toques às *choushi* (da uma às três) e doze toques às *haishi* (das vinte e uma às vinte e três), sem falta alguma. Em frente há um disco, onde estão desenhadas as doze *chenri* (um dia tem doze *chenri)* e mais algumas horas, o sapo contendo bolinhas na boca a indicar a hora. Os que presidem à sua religião são eclesiásticos, que não têm família; os de Macau têm *fang* como seu apelido e os seus devotos têm todos família.

As mulheres vestem de vestido comprido e usam sapatos de seda. Os homens, de cabelo solto, usam chapéu de materiais estrangeiros, sapatos altos, capa de brocado verde claro e grevas de tecido *taobu.* O comércio realiza-se à noite, sendo as mulheres que o gerem enquanto os homens não saem de casa. Há uma história que diz assim: à chegada de um barco estrangeiro, o *bu zheng si* [tesoureiro provincial, 布政使] fez-lhe a fiscalização, tendo encontrado entre as mercadorias pimenta, campeche, *duoluoni* (pano de lã) e vinho estrangeiro. Chegou em pleno Verão e voltou a fazer-se ao mar apenas no fim de Dezembro (do calendário lunar), pois o vento era favorável. Os comerciantes provieram de Daxiyang [Portugal, 大西洋] e de Xiaoxiyang [Goa, 小西洋]. Xiaoxiyang fica a dez mil *li* da China, a meio ano de caminho, e o Daxiyang a noventa mil *li*, precisando de três anos para ali se chegar. Devido à proibição do comércio marítimo, os barcos estrangeiros deixaram de vir e os locais de Macau ficaram pobres. No 21º ano do reinado de Kangxi, ofereceram um leão pedindo autorização de comércio, a fim de recompensar a longa viagem. Obtendo a autorização, os barcos estrangeiros regressaram.

À minha chegada a Macau, o mensageiro do país deles, acompanhado da sua comitiva, tocando música, veio dar-me boas-vindas. Dos instrumentos há o bili (de sopro) e a pipa. A música que tocaram não é compreensível. O mensageiro tem na mão um bastão vermelho que parece de coral, liso, brilhante e tão mole que se poderá enrolar, não se sabendo o que é, mas que será um objecto de extrema importância no seu país, a tal ponto que pessoas comuns não podem pegar nele, com excepção da oferta ou autorização do rei, nomeadamente os mensageiros, e em Macau só quatro pessoas foram autorizadas a usá-lo. Para agradar ao público, os que vieram dar boas-vindas passaram a disparar com armas de fogo, que produziram repercussão estranha. Ao aproximar-me da pensão onde me iria hospedar, soltaram dois tiros de canhão, estrondosos, sacudindo mesmo as colinas. A pensão tem três pisos, com uma escada em espiral que, subindo, nos conduz ao interior da construção. É de pedra, requintadamente trabalhada. Os móveis, todos dourados, estão cobertos de pétalas, vermelhas e violetas, de alguns *cun* de grossura. Os criados

dividem-se em duas espécies: brancos e pretos. Os brancos, vulgarmente conhecidos como "diabos brancos", de pele branquinha como se fosse de gordura, têm a fisionomia agradável, à excepção dos olhos, que parecem não falar, diferentes dos olhos dos chineses. Os pretos, conhecidos como "diabos pretos", são extremamente feios, pertencentes às raças pérsica e de Kunlun (antigo reino, que abrange o sul da Indochina e as diversas ilhas do Sudeste Asiático). Os criados "diabos brancos" são da raça superior, geralmente filhos e irmãos dos próprios patrões brancos. Os pretos são considerados da raça inferior, condenados a ser criados e escravos de geração em geração. Usam chávenas de vidro com pires. As várias frutas que ofereceram são todas do Ocidente, extraordinariamente doces e aromáticas. Momentos depois serviram-me comida, em apenas quatro pratos, de cheiro forte e estranho, sendo especialmente preparados conforme a culinária estrangeira, a tal ponto que o frango não tem ossos, sendo ainda estranho que não se visse nem um corte, e não cheguei a perceber o porquê.

Uma pessoa de apelido Fang disse que os líderes de Macau são substituídos cada três anos, todos sendo nomeados pelo seu rei. O rei deles, que nutre respeito pela nossa corte, há-de dar sermões aos mensageiros que envia, para que respeitem e observem as leis. Os infractores e traidores são desarmados para sempre, de modo que a desobediência raramente acontece.

Passei ali apenas uma noite e retomei o caminho no dia seguinte. Ao partir, fiz uma poesia para lhes oferecer. Ofereceram-me várias prendas: um biombo de vidro, dourado e finamente trabalhado, sendo um tesouro raro; uma lente de mil *li* (telescópio), de cinco ou seis tubos ligados, com a qual se podem observar um por um os pormenores das coisas a dezenas de *li* de distância; dois relógios de toque automático, dos quais o maior é de seis ou sete *cun* de altura e o menor de metade da altura do maior, ambos de forma semelhante à plataforma do relógio de toque regular da igreja e a tocar da mesma maneira que o relógio da igreja; duas armas de fogo, de dois canos em paralelo, de mais de um *chi* de comprimento, podendo esconder-se na manga; em vez do estopim, usa-se a pederneira, e puxa-se o gatilho para disparar duplo tiro, sendo uma arma com que se pode melhor defender quando se anda à noite, pois é uma arma surpreendente para os assaltantes. Recusei todos, excepto uma dúzia de garrafas de vinho. Esta bebida é preparada à base de uvas, da cor do âmbar e usa garrafas de vidro, sendo o líquido e o recipiente muito transparentes; as doze garrafas fazem um conjunto.

No 26º ano de Wan Li, chegaram a Macau barcos de comércio de Luzon [吕宋], mas foram recusados pelas pessoas de Macau, não conseguindo entrar; no 29º ano desse reinado, chegaram a Macau grandes barcos dos estrangeiros de cabelo vermelho, cuja entrada foi igualmente rejeitada. O intérprete dos estrangeiros disse que vieram só fazer comércio e não levantar problemas. Mas o *taisi* [funcionário, 台司] rejeitou por não lhe terem entregue tributos, de modo que os barcos estrangeiros voltaram a fazer-se ao mar, acabando por ser liquidados em caminho pelo Mancijia (antigo reino da Malásia). Segundo disseram, Taiwan está ocupado hoje pelos estrangeiros de cabelo vermelho.

No 2º ano do reinado de Hongwu [洪武], *Shi bo ti ju si* [Superintendência dos Navios Mercantes, 市舶提举司] foi pela primeira vez criada em Cantão. Localizava-se em *song shi bo ting* [宋市舶亭], que hoje é *haishanlou* [海山楼], a um *li* da cidade. No primeiro ano do reinado de Yongle [永乐], um vassalo interno foi mandado para ali dirigir essa repartição, na qualidade de *shibosi;* este, subordinado ao *tijusi,* estabeleceu a sua sede em Xianzibu [蚬子步], em Cantão, com 120 quartos onde hospedava estrangeiros. Nos meados do reinado de Zhengde [正德], os *frangis*, sob pretexto de fazer comércio, entraram, sem autorização, em Nantou [南头] de Dongguan, onde se estabeleceram. Houve ali estrondosos bombardeamentos, abalando mesmo terras longínquas. Cometeram muitas ilegalidades, e até crimes de sequestrar e comer crianças de menos de dez anos de idade, violar raparigas e, quando não conseguiam, seduzi-las pagando-lhes cinquenta moedas de ouro cada.

O *silian* [um magistrado, 司廉], informado, mandou tropas capturá-los, tendo morto o seu líder, de nome Yasan [亚三]. Mas insistiram na resistência, recorrendo a armas de fogo, tendo várias vezes derrubado as nossas tropas. Estas passaram a recrutar pessoas com grandes capacidades de natação, que conseguiram aproximar-se dos barcos e os perfuraram, tendo-os afundado e derrubado os estrangeiros, que se puseram em fuga. Foi precisamente nessa altura que o canhão dos *frangis* foi introduzido na China. Nesse mesmo ano, deu-se a conhecer uma ordem imperial, proibindo a entrada dos barcos estrangeiros, de modo que o mercado de Cantão ficou em decadência, despedindo-se para

A FUNDAÇÃO DE MACAU II

sempre da prosperidade. O *xun fu* [巡抚] (inspector especial, que passa depois a ser o supremo chefe provincial encarregado dos assuntos civis e militares) de Guangdong e Guangxi, Lin Fu [林富], apresentou um relatório ao imperador dizendo: segundo as práticas tradicionais, diversos países, nomeadamente Annan (hoje uma parte do Vietname), Zhenla (Camboja), Champa, Pulau, Sumatera, Xiyang (países europeus e americanos), Java, Pahang (da Malásia), Baihua, Palembang (antigo reino em Sumatra) e Burni (Brunei) estão autorizados a fazer comércio connosco, e os *frangis* excluídos, mas o *buzhengsi* Wu Tingju [吴廷举], incorrectamente, deu-lhes a autorização, pelo que houve hoje susto e arrependimento, sendo deveras fruto duma decisão imprudente. Devido a este relatório, o imperador passou a proibir completamente a entrada dos estrangeiros. Não será uma política de "deixar de comer por ter medo de sufocar"? A meu ver, os impostos a cobrar sobre os barcos estrangeiros contribuem para as despesas da corte e para o orçamento militar, enquanto a plebe, com uma pequena mercadoria, mesmo em valor de apenas uma moeda, pode dedicar-se ao comércio, tendo a possibilidade de se enriquecer, e a prosperidade que outrora se viveu em Cantão deveu-se precisamente a este tráfico. Os lucros a angariar para o povo são diferentes dos lucros que atraem aqueles que pretendem lucros fáceis. Quanto à defesa, é preciso envidar esforços para a reforçar. Os barcos dos países que não obtiveram autorização de comércio devem ser expulsos logo, podendo evitar desta maneira incidentes imprevistos. Apresentei o meu parecer, que acabou por ser autorizado, de modo que os barcos estrangeiros voltaram a chegar.

A corte não estabeleceu a *Shi bo ti ju si,* cujas funções pertenciam ao *yan ke ti ju si* [departamento de controle dos impostos sobre o sal, 盐科提举司], que foi também fechado quando se passou a proibir o comércio marítimo. Depois de retomar o comércio marítimo, os barcos estrangeiros passaram a ancorar na aldeia de Qianshan, donde a mercadoria era transportada por via terrestre para Xiangshan; o seu controle estava a cargo do *fanmu* [番幕], e fica hoje a cargo dum subordinado do *fanmu*.

APONTAMENTOS DA INSPECÇÃO A MACAU

Xun Shi Aomen Ji,《 巡视澳门记 》. O autor Jiao Qinian [焦祈年], natural de Zhangqiu [章丘] da província de Shandong [山东], no 7º ano do reinado de Yongzheng [雍正] (1729), assumiu o cargo de enviado imperial "Guanfeng Zhengsu" (observar, investigar e disciplinar) de Guangdong, e teve uma digressão de inspecção por Macau em Dezembro do ano seguinte.

Em Dezembro do 7º ano do reinado de Yongzheng, fui mandado pelo imperador inspeccionar no Leste de Guangdong. Em Abril do ano seguinte, estive em Lingnan, Shaoguan [韶关] e Zhaoqing [肇庆]; em Junho cheguei a Leiqiong [雷琼] e em Dezembro desloquei-me a Macau para tratar de assuntos vários. Macau, um território fronteiriço ao sul de Cantão, foi dado como oferta aos estrangeiros nos meados dos anos Jiajing, impondo-se-lhes uma cerca. No dia 2, saí da porta de Yongqing [永清] e embarquei, navegando rumo ao sul. As montanhas e rios, de longe, constituem uma paisagem pitoresca, e nas duas margens há muitas enseadas de areia formadas pela maré. Passámos pelo distrito de Shunde [顺德], onde um general se responsabiliza pela defesa, a fim de se proteger dos piratas.

Em vários portos há postos de vigilância, dando uma impressão de terror. No dia 6, chegámos ao distrito de Xiangshan, cuja defesa está a cargo de um adjunto do general, subordinado ao general encarregado da defesa de Shunde. No dia seguinte, andámos a pé mais de dez *li*, tendo entrado no desfiladeiro. Muitos picos, um detrás de outro, altos despenhadeiros, quase a tapar o céu, flores de pessegueiro em pleno desabrochar, cascatas penduradas de longe, nuvens flutuando baixo, tudo isto forma uma paisagem muito pitoresca. Andámos mais para a frente chegando a Chimapo, e, descendo desta ladeira, vimos uma planície sem fim.

No dia 8, cheguei à aldeia de Qianshan [前山], onde o *dusi* [都司] se encarrega da defesa, controlando os estrangeiros de Macau. Dali a mais vinte *li* para a frente, chegámos a Guanzha [Porta do Cerco, 关闸]. Um dique serpenteia por alguns *li* e o mar forma um círculo em volta da terra, sendo aqui a fronteira que separa os chineses (a norte) dos estrangeiros (a sul). Entrando em Haojing'ao [Macau, 濠镜墺], vimos os chefes dos estrangeiros, acompanhados por soldados, que vieram dar-nos as boas-vindas. Dos estrangeiros uns são brancos outros pretos. Os brancos são da raça superior enquanto os pretos são da raça inferior. São de cabelo encaracolado, penteado de maneira diferente. Usam chapéu triangular. Vestem fato curto, colorido, e com muitos botões que parecem pérolas em fio. Todos trazem uma espada. Usam botas de abertura traseira, que se apertam nas pernas. São seis chefes e um

intérprete, que me conduziram para uma tenda, onde, sentado, comecei a apreciar um espectáculo ritmado por tambores. Quando lhes dirigo alguma pergunta, quem responde tira o chapéu e mete-o no sovaco. Entrámos na cidade e na igreja de São Paulo, uma construção magnificente, em que os estrangeiros depositam todo o seu respeito. O edifício é tão espaçoso que se pode mesmo andar a cavalo. Os instrumentos estrangeiros estão a emitir sons agradáveis, que nos lembram a música dos tempos primitivos. Subimos por degraus à fortaleza, que está nos seus três lados banhada por um mar sem fim, com a colina Laowan [Lou Man San, 老万山] a sul, duas baías, uma a leste e a outra a oeste, Jiuzhou a sudeste e Humen ao nordeste. Céu limpo, sol brilhante a reflectir nas águas, como se fosse um espelho em que uma beleza se maquilha com conchas em bandeja de jade. Era no passado um lugar que os bandidos e ladrões costumavam frequentar, as suas ilhas não gozando da paz. Hoje em dia, o vento suave, a onda apaziguada, o mar sem sobressaltos, os comerciantes concentrados no seu negócio, tudo isto se deveu à façanha da nossa corte.

Ao norte de Macau há uma colina no mar, conhecida como Ilha Verde, semelhante à Jinjiao [金焦] do Yangtse [o rio Changjiang, 扬子]. Nessa ilha as plantas são frondosas, havendo construções, e templos também, segundo os locais, sendo os jardins dos estrangeiros. As casas dos estrangeiros são como o favo das abelhas ou a casa das formigas, onde poderiam caber vinte a trinta mil pessoas. É desde há muito tempo um lugar de comércio para os barcos, ocupado pelos estrangeiros que ali se estabeleceram, e os comerciantes provenientes de Zhongyuan (Centro do país) limitam-se a morar em casas alugadas aos estrangeiros. Quando da nossa contemplação, rebentaram estrondos, abalando a terra, o céu e o mar, pois os estrangeiros abriram fogo com armas de grande calibre, em sinal de respeito para com o enviado. Foram doze tiros, tendo-se repetido três vezes, tão estrondosos como se fossem trovões.

Voltei para a pensão pública, onde chamei os chefes dos estrangeiros e dei-lhes a conhecer a autoridade do imperador e a minha missão apaziguadora, aconselhando-os para que bem se comportassem e defendessem devidamente essa terra, gozando duma paz perpétua. O intérprete aproximou-se de mim para me dizer que os estrangeiros, que têm nutrido um grande respeito e gratidão pela virtude da corte, desejam todos eles ser vassalos externos, sempre; depois de terem feito reverência de cara para norte, despediram-se todos com satisfação. Amanhã tomarei o caminho de regresso. Esta viagem de missão, embora apenas de menos de dez dias, possibilitou-me conhecer as paisagens das montanhas e mares, a firmeza da defesa dos nossos territórios, os sentimentos dos estrangeiros na China e a autoridade da nossa corte. Como poderia eu não registar estes apontamentos?

NOTAS SOBRE MACAU

Aomen Ji,《 澳门记 》. O autor Xue Yun [薛馧], natural de Luonan [洛南] da província de Shaanxi [陕西], teve uma inspecção a Macau em Fevereiro do 10º ano do reinado de Qianlong (1745).

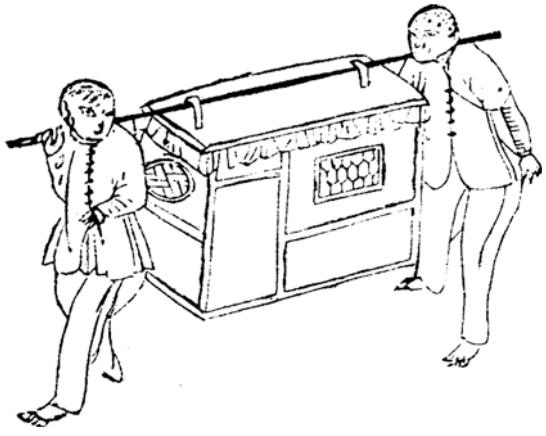
Partindo de Fengqiling [凤栖岭] do distrito de Xiangshan, percorremos 120 *li* para sul até chegar a Qianshan e, mais vinte *li* adiante, encontra-se Haojing'ao (Macau). A seis ou sete *li* de Macau, as colinas são tão abruptas como se tivessem sido cortadas, estende-se um dique como uma ponte, conhecido como pecíolo do lótus. Na extremidade do pecíolo ergue-se uma colina, chamada Lianhua (flor do lótus), abrupta, com uma depressão no meio, de cinco ou seis *li* de comprimento, sendo a sua largura de metade do comprimento, em formas de *kun* e *gen* do Bagua (Oito Diagramas, oito combinações de três linhas, contínuas ou partidas, que se usam na adivinhação), sendo na realidade chamada *Ao* (baía). A *Ao* é o único caminho que conduz ao continente e pelo qual se abastece o cereal, e os outros lados estão todos banhados pelo mar, pelo que os barcos fluviais dispõem de maiores facilidades para chegarem a Macau. De Macau, indo de barco dez *li* para sul, vê-se Duowei [舵尾] à direita e Jiwu [鸡鹜] à esquerda. Mais dez *li* para frente, temos Hengqin [横琴] à direita e Jiu'ao [九澳] à esquerda. A baía e os picos formam uma porta e uma cruz, pelo que foi baptizado de Shizimen [十字门] ou Aomen (porta da baía). Cem *li* a sueste de Shizimen localiza-se a colina de Laowan, que é uma elevação com baluartes. A nordeste da colina é Humen (porta do tigre), rota que os barcos estrangeiros costumam usar para entrar na China. Para além dessa colina, são um céu e um mar sem fim, não havendo outras ilhas. Os estrangeiros de Macau passam por Shizimen em vez de Humen. As duas portas (Humen e Shizimen) estão ambas em linha

A FUNDAÇÃO DE MACAU II

recta inclinada em relação à colina de Laowan, estando a segunda muito próxima de Macau.

Os estrangeiros ocidentais de Macau, que chegaram ali no 30º ano Jiajing, pagam anualmente 515 *chanmin* (antiga unidade monetária), tendo-se estabelecido em Macau há mais de duzentos anos. Há mais de 3400 estrangeiros, em mais de 420 famílias. Os estrangeiros brancos são senhores e os pretos escravos. Têm um *bingtou* [兵头], que controla os soldados, um *lishiguan* [理事官], que é procurador, e um *pan shi guan* [判事官], que é juiz. Todos estes chefes se subordinam a um eclesiástico estrangeiro, que tutela uma religião cuja divindade é conhecida como Deus. Dedicam-se exclusivamente ao comércio marítimo, e os seus intelectuais encarregam-se da arte celestial. Têm oito igrejas, nomeadamente a de São Paulo, a de Ka Si Lan, a da Sé Catedral, a de São Domingos, a de Long Song, a de São Lourenço, a de Chi Leong e a de Santo António. As igrejas estão equipadas de cárceres, de três cercas. Os delinquentes são libertados depois de terem ouvido sermões. Os criminosos podem ser atados na boca do cano do canhão para ser atirados para o mar. Há seis fortalezas, a de Tong Mong leong, a de Ka Si Lan, a de São Paulo, a da Praia Grande, a de Sai Mong leong e a de Ma Kok Miu. Há no total 46 canhões de bronze e 30 de ferro, dos quais 61 são grandes e 15 pequenos. Todas as Igrejas parecem fortalezas, mostrando-se a igreja de S. Paulo como a de maior magnificência.

Em 14 de Fevereiro do 10º ano do reinado de Qianlong, para inspeccionar o mar, cheguei ali acompanhado por Yin Guangren [印光任], *o tong zhi* [subprefeito, 同知] da Defesa Marítima, e por Jiang Rixuan [江日暄], o *xianling* [magistrado distrital, 县令] do distrito de Xiangshan, tendo subido à fortaleza. O intérprete e o tesoureiro adjunto serviram de guias, e os doze soldados comandados pelo seu chefe alinhavam à direita, com estandartes de seda e armas de fogo. A fortaleza tem até cem *mu* (15 *mu* = 1 hectare) de superfície, com uma construção no centro. A sudoeste é Shizimen. A leste é Jiuzhouyang [九洲洋], falo como se fosse de estrelas, para além daí é Lingdingyang [伶仃洋], por onde passou Wen Tianxian [文天祥], o rei Qinwang da dinastia Song [宋]. Ao Oeste é Sanzao [三灶], com as colinas de Huangyang [黄杨] a norte, e mais para cima é Yanshan [崖山]. O continente e as ilhas misturam-se, nas águas flutuam inúmeros barcos, em terra os quiosques e os baluartes estabelecem o contraste, com a aldeia de Qianshan nas costas e Humen como espartilho, contribuindo assim para proteger o país da rebeldia interna e da invasão exterior, e para consolidar a pátria unificada!

«Yi-Biografia de Kan» assim descreve: "Os príncipes construíram baluartes em lugares estratégicos para defender o país. O *kan* é a água. A este respeito, o mar é o maior. Que profunda a preocupação que os santos sentem para com a imprevista mudança! Foi por esta razão que as medidas prudentes e indispensáveis para uma defesa segura defesa foram todas reunidas em «Churiqiu» [Primavera e Outono, 《春秋》] e, por outro lado, trata-se duma zona-chave com águas sem fim e um sem-número de portos e ilhas. Os estrangeiros que ultrapassaram o oceano para angariar lucros comerciais são astutos e indomáveis, e os bandidos e ladrões que fitam os olhos na riqueza do povo são como peixes na água e pássaros no ar. Considerando isto, como poderíamos afrouxar, mesmo um só dia, as medidas de prevenção, nas áreas da ordem social, da política e da religião?" RC

Originalmente publicado na Edição Chinesa de *Revista de Cultura* (Nr. 33).
Traduzido por Zeng Yongxin.